

Proponente: Helmuth Krüger

Área da Psicologia: História da Psicologia

QUESTÕES FILOSÓFICAS DA PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Justificativa: No simpósio ora proposto serão apresentados resultados de estudos teóricos de três pesquisadores sobre problemas filosóficos identificados na Psicologia Contemporânea: na primeira dessas comunicações discutir-se-á a relação entre a Psicologia Teórica e a Psicologia Experimental, na perspectiva da obtenção de maior maturidade científica para esta última; o tema da segunda comunicação é um paralelo entre a Psicologia Racional do século XVIII e a Psicologia que se encontra em delineamento no século atual; e, a última comunicação tratará da natureza da crença, entendida como importante conceito psicológico. Na proposição deste simpósio, foram considerados dois objetivos: avaliar o alcance teórico e a utilidade prática dos estudos realizados; e, incentivar a reflexão sobre temas por eles considerados cientificamente relevantes.

Coordenador: Helmuth Krüger

A NATUREZA DA CRENÇA. Helmuth Krüger (Universidade Católica de Petrópolis, RJ).

Um dos fundamentos de qualquer ciência é a terminologia especializada, necessária à formulação de hipóteses e teorias. Essa terminologia, que também pode ser referida como matriz conceitual deve ser continuamente analisada, visando à obtenção da maior clareza possível quanto ao significado de seus termos e expressões, bem como de sua relação com os conceitos que expressam, pois tanto uma mesma palavra pode subentender diversos conceitos quanto uma única idéia pode ser comunicada mediante termos diferentes. Em particular, um problema bem conhecido desta ordem é o da crença. Trata-se de um conceito bastante empregado na Psicologia contemporânea, notadamente na Psicologia Social, a despeito dos argumentos contrários ao seu uso oriundos da folk-psychology. Num sentido abrangente, a idéia de crença é ao mesmo tempo objeto de análise na Filosofia e na Psicologia. Na Filosofia, distingue-se a crença do conhecimento, o crer do saber, tratando-se, por conseguinte, de um problema inserido na Teoria do Conhecimento. De outro lado, na Psicologia, crenças são consideradas de uma forma pragmática e numa perspectiva funcional, declarações descritivas de experiências sensoriais ou cognitivas, expressas afirmativamente, aceitas por ao menos uma pessoa. O grau da aceitação subjetiva de crenças é um significativo aspecto a considerar na investigação empírica da influência dessas representações mentais simbólicas em processos, estados e conteúdos psicológicos. Assim, parte-se do pressuposto da utilidade epistemológica da crença na explicação e na compreensão da experiência humana, mas tem-se por igual o entendimento de que este conceito envolve questões filosóficas, que convém investigar tendo em vista o objetivo da elevação da validade do conhecimento psicológico nele baseado. Nesse sentido, submetendo-se a idéia de crença à análise fenomenológica, foram obtidas cinco conclusões: crença é uma variável interveniente, situando-se, portanto, entre termos observacionais e construções lógicas; é possível inserir esse conceito em hipóteses empíricas; a considerar suas

características, sobretudo a variabilidade do nível de aceitação subjetiva, crenças podem ser quantificadas; em razão de sua possibilidade de comunicação oral ou escrita, crenças são acessíveis à observação e à metodologia empírica; e, devido à nossa condição simbólica, crenças constituem elementos ideativos úteis na formulação de teorias dotadas de grande amplitude explicativa.

Palavras-chave: cognição, crença; teoria psicológica.

P

HIS

2º Apresentador: Gustavo Arja Castañón

PORQUE A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DEPENDE DA PSICOLOGIA TEÓRICA. *Gustavo Arja Castañón (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

A Filosofia da Psicologia possui quatro campos razoavelmente diversos. São a *Epistemologia da Psicologia*, a *Psicologia Teórica*, a *Psicologia Filosófica* e a *Filosofia da Mente*. Entre estes, a *Psicologia Teórica*, que corresponde na Psicologia ao papel que tem a Física Teórica para a Física, é uma disciplina logicamente necessária à existência da Psicologia Experimental. A Psicologia Teórica não se pretende nem fundamento da Psicologia Científica (como a Epistemologia da Psicologia), nem alternativa a ela (como a Psicologia Filosófica). O papel dela é o de atividade integrante do processo de investigação científica na Psicologia, executando investigações que são ao mesmo tempo: (a) indispensáveis para o avanço do conhecimento científico psicológico; (b) totalmente não empíricas. Podemos citar entre estas atividades a construção de teorias, a clarificação ou inovação conceitual, a dedução de consequências empiricamente testáveis de corpos teóricos, a identificação de dados empíricos que refutam hipótese atualmente corroborada, a avaliação da adequação da metodologia ao problema investigado, a análise do significado dos dados em relação a outras teorias, a descoberta de verdades logicamente necessárias, a análise de consistência de teorias e a identificação de seus pressupostos. Mas, mesmo se nos atermos ao próprio processo necessário à plena consecução de uma determinada pesquisa quantitativa (seja descritiva ou experimental), veremos que sete de suas nove etapas necessárias são, absolutamente, não empíricas. A primeira, a criação de uma teoria, é evidentemente filosófica. O segundo passo, a formulação da hipótese ou dedução de consequência empiricamente testável de uma teoria é também uma atividade puramente teórica. O trabalho de definição operacional das variáveis a serem testadas é, ele mesmo, uma atividade teórica difícil e sujeita a críticas teóricas. A quarta etapa, a da escolha do instrumento de recolhimento dos dados é também totalmente não empírica, o que não acontece, no entanto, com a avaliação do instrumento escolhido, que é o primeiro momento do processo inteiro em que entram em cena dados empíricos. Quando entretanto se parte para o desenho da pesquisa, ou mesmo ainda para a escolha do tipo dela, voltamos a um processo totalmente teórico (e teórico em bom nível de sofisticação). Finalmente então, somente sete passos depois do início da pesquisa científica, temos dados empíricos sobre o fenômeno investigado. Estes dados por sua vez vão ser submetidos à análise estatística, um ramo da matemática que é, ele próprio, uma disciplina científica formal, totalmente não empírica. Depois disso, os dados estatísticos terão que ser interpretados e analisados em suas implicações para a teoria testada e as teorias concorrentes. Desnecessário seria dizer, mas isso também é filosofia. De repente, ao considerar todos os passos de uma pesquisa empírica quantitativa, a Psicologia Moderna se revela uma atividade que não é muito mais que um barquinho de

empíria navegando num oceano de atividade teórica. É claro entretanto que este barquinho é fundamental, porque seres humanos se perdem e se afogam, e o oceano metafísico é um ambiente muito vasto e hostil para nós.

Palavras-chave: Filosofia da Psicologia, Psicologia Teórica, Psicologia Moderna, Ciência Moderna.

P

HIST

3º Apresentador: William Barbosa Gomes

O QUE A PSICOLOGIA EMPÍRICA E RACIONAL DE CHRISTIAN WOLFF, SÉCULO XVIII, TEM A VER COM A PSICOLOGIA SÉCULO XXI? William B. Gomes (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Christian Wolff (1679-1754) ganhou projeção na história da nossa disciplina por ter utilizado, talvez pela primeira vez, o termo Psicologia no título de dois dos seus livros: Psicologia Empírica, de 1732, e Psicologia Racional, de 1734, ambos dedicados ao estudo da mente. A psicologia empírica tomava a introspecção como método para o estudo das operações ordinárias da mente, utilizando artifícios experimentais para captar determinados atos com clareza. A psicologia racional examinava as verdades conceituais sobre a mente por critérios *a priori* e dedutivos para atender o ideal de ciência com a enunciação de proposições ordenadas, nas quais os antecedentes providenciavam razões suficientes para os consequentes. Para tanto, dependia dos fundamentos da metafísica, da física e da psicologia empírica. Contudo, o que tomo de Wolff para organizar essa exposição é a sua visão geral de ontologia, como apresentada no *Discursus Praeliminaris de Philosophia in Genere*, escrito em 1728. Baseado nesta ontologia, eu definirei como vejo esse grande campo de conhecimento identificado como psicologia e como entendo suas relações com a filosofia. Na ontologia de Wolff, o campo do conhecimento dividia-se em três grandes partes: 1) História (fatos), 2) Filosofia (razão dos fatos), e 3) Matemática (quantidade dos seres). A Filosofia dividia-se em duas: 1) Filosofia dos seres em geral, e 2) Filosofia das ações humanas. A primeira ocupava-se da física e da metafísica, e a segunda dividia-se em cognição (pensamento lógico e descoberta), das apetições (moral, ética, economia), da produção (comportamento verbal) e da tecnologia (engenharia, arquitetura). A psicologia estava localizada no campo da metafísica e o seu objeto era o estudo da natureza da alma. Contudo, a análise das questões e práticas contemporâneas do psicólogo indicará que quase a totalidade de suas atividades dirige-se às ações humanas. As ações humanas podem ser interrogadas de dois modos: 1) por sua sustentação e manutenção como atividade inteligente e intencional, e 2) pela articulação dos modos de relação intencional entre os agentes humanos e suas ações. Eu posso, inicialmente, pressupor que as perguntas tratam de dois campos interligados, sendo o primeiro conceitual e teórico, e o segundo prático e aplicado. Contudo, a expansão do conhecimento filosófico, científico e tecnológico, principalmente na virada do século XX para o século XXI fez desses campos duas proposições conceituais e teóricas com alcances práticos e aplicados que se sustentam por mérito próprio. Deste modo, retorno a Wolff para justificar que esses campos, apesar da interdependência entre os diferentes níveis

ontológicos do conhecimento, podem ser propostos como campos distintos. O estudo da natureza da alma ou da mente está hoje associado à neurocognição e entendimento da relação mente-cérebro. Em contraste, o estudo das ações humanas está hoje associado às interações interpessoais e às redes sociais, tendo como fundo as lutas por liberdade, dignidade e justiça. As relações com a filosofia ocorrem em intercepções conceituais polêmicas, por exemplo, no estudo da mente a questão atual é a natureza da consciência ou qualia, o *hard problem*, ela seria fisicalista ou fenomenal? Reafirma-se o materialismo e assume-se uma ontologia monista ou arquitetam-se saídas materialistas com espaço para certa dualidade? Por outro lado, qual seria a natureza conceitual das teorias que sustentam políticas de liberdade, dignidade e justiça? Se no primeiro caso temos um problema ontológico (qual a natureza da mente), no segundo temos um problema ontoaxiológica (qual a imbricação entre fato e valor numa teoria). Enfim, o exercício filosófico nos habilita ao escrutínio lógico conceptual das nossas teorias e à deontologia das nossas ações. O que eu não entendo é por que ainda insistimos em tomar esses dois campos em um único projeto de formação e profissão. De qualquer modo, estamos de acordo com Wolff que devemos procurar em ambos os campos em atender: 1) a exigência lógica na busca da verdade sobre nossos conceitos, mas críticos aos nossos equívocos e confusões; 2) a justificativa e clareza explicativa dos nossos procedimentos na definição de qualidades e na verificação da efetividade probabilística de nossas ações.

Apoio do CNPq

P

Palavras-chave: Ontologia, Lógica, História da Psicologia, Christian Wolff, Psicologia Teórica.